



**Palestra de abertura à Conferência
"Darwin: 200 anos"**

Seminário "República e Liberdade"

Assembleias Gerais do ICEA

Um Poema

Colaboração da ADDPCTV

Uma fotografia Ericeirense



Em jeito de Editorial...

Aproxima-se o final do ano e não o podíamos terminar sem mais um NotICEAs. É o último de um ano pautado por alguma irregularidade de "saída". Tentaremos em 2010, inverter a situação.

Mas temos um NotICEAs em cheio, com muitos e variados artigos... Delicie-se nestes dias frios e chuvosos e... até para o ano.

Boas Festas. Um Feliz Natal e um Ótimo 2010.

PALESTRA DE ABERTURA À CONFERÊNCIA "DARWIN: 200 anos", pelo Dr. José Viegas Freitas, Presidente da Direcção do ICEA

Realizamos hoje, dia 7 de Novembro de 2009, neste auditório da Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva, na Ericeira, mais uma sessão conjunta com a Sociedade de Geografia de Lisboa.

São sessões que já fazem parte integrante do nosso calendário anual.

Temos acordos idênticos com outras instituições de âmbito cultural, nomeadamente a Academia de Marinha.

Refiro aqui esta academia, porque foi com ela que tivemos, este ano, uma outra sessão, igualmente relevante, quer do ponto de vista científico quer das implicações para o próprio Homem, e para o seu enorme "ego".

Com a Academia de Marinha tivemos Galileu e as suas observações, que confirmaram as posições de Copérnico. Temos como consequência: o homem retirado do "centro do universo".

Com a Sociedade de Geografia de Lisboa temos, hoje, Darwin e a sua evolução das espécies e selecção natural. Temos como consequência: o homem retirado do "centro da criação".

Estes factos, científicos, podiam ter tornado o homem menos egocêntrico, menos egoísta e menos arrogante. Tal não aconteceu, muito pelo contrário.

Durante milénios imaginámo-nos separados e acima do resto da Natureza. E no conceito resto da Natureza o que lá tem sido incluído! A lista é extensa e não muito favorável aos valores que o homem tantas vezes diz defender.

A reflexão que fazemos sobre nós próprios tende a que criemos conceitos, e preconceitos, que nos possam favorecer. Podem ser favorecimentos históricos, sociais, económicos ou outros. O que der mais jeito ao homem em determinada conjuntura!

Com Charles Darwin e a sua teoria sobre a origem das espécies através da selecção natural, fomos obrigados a repensar o nosso papel no desenvolvimento da Vida, a vários níveis de apreciação: física e metafísica.

Temos aqui, obviamente, campo para polémicas e eventuais grandes confrontações, quando aparece qualquer tipo de fundamentalismo, seja ele científico ou teológico. Quando um homem entende que “a sua verdade” exclui qualquer outra, podem-se preconizar conflitos, que, infelizmente, a nossa história confirma com abundância.

Hoje a minha preocupação aponta, aceitando a teoria da evolução de Darwin, para o futuro da nossa evolução ou, mais dramático, a ameaça da nossa própria sobrevivência.

Já devíamos ter apreendido que somos apenas uma das muitas espécies que habitam este terceiro planeta, dum sistema solar inserido numa pequena galáxia do Universo.

Os nossos atributos únicos evoluíram ao longo de milhões de anos e conduziram-nos a pensar que somos uma espécie privilegiada, a vários níveis. E o que fazemos nós para merecer essa pretensão?

A acompanhar a nossa preocupação sobre o que nos torna “seres humanos”, devíamos conduzir também a nossa reflexão racional para o futuro que não estamos a construir.

Em toda a história da nossa vida na Terra, planeta com muitos milhares de milhões de anos, estamos a ser a causa de uma das maiores extinções em massa de várias espécies.

Estamos a destruir os mais variados ecossistemas, asfixiando perversamente muitas promessas evolucionárias de espécies.

Estamos a alterar o clima com consequências imprevisíveis.

Estamos a destruir as capacidades do planeta para manter o actual tipo de vida que a nossa cultura criou.

O prognóstico de catástrofe existe e a nossa espécie, o “homo sapiens”, é responsável. O Futuro da evolução humana parece muito comprometido.

A nossa exacerbada manipulação, exploração e destruição da Natureza levar-nos-á onde? Ao emergir de um novo tipo de humanos ou à nossa própria destruição?

A história do “filho pródigo”, não se vai poder aplicar à nossa vida. Quando desbaratarmos a nossa herança, não teremos casa para onde irmos. Será que estamos convictos com o êxito das viagens galáxicas ou apenas

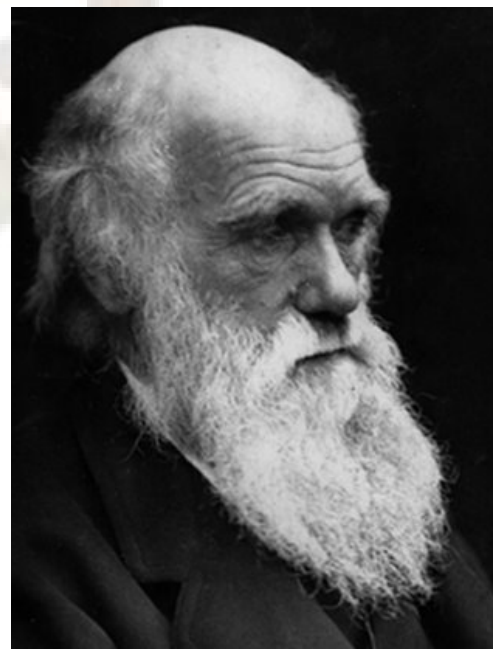
fingimos, com tal hipótese, para sossegar as nossas consciências de “seres humanos”?

Para terminar deixo três notas de rodapé.

A primeira é que, como o texto comprova, sou um evolucionista céptico. Até agora a evolução tem corrido bem. Veja-se, por exemplo, a primeira página de um suplemento do jornal “Público” de dia 2 de Outubro de 2009, onde vemos duas imagens. Uma nossa antepassada, recentemente identificada, muito próxima daquilo que podemos chamar de um símio e a imagem de uma modelo actual. Que evolução! E daqui a uns milhões de anos qual será a imagem de uma representante do sexo feminino?

A segunda nota é relativa a Charles Darwin. Ele, como qualquer ser humano, tinha muitas imperfeições e aqui apetece-me citar uma referida na sua autobiografia. Ele fez tentativas para aprender matemática, até teve um explicador em Barmouth no Verão de 1828, mas não avançou muito nesta área do conhecimento. Não via qualquer significado nos primeiros passos da álgebra. Os seus detractores nunca terão visto aqui uma hipótese de minimizar as suas capacidades intelectuais? Talvez se saiba porquê!

A terceira nota é para reconhecer o meu mau humor civilizacional no dia em que escrevi estas breves palavras. Sintetizo este meu estado de espírito: o HOMEM não tem feito por merecer a evolução que teve e a casa que lhe foi oferecida.



Um Poema

De José do Carmo Francisco

Balada da Ericeira

Um Tê Zero na Ericeira
Pôr-do-sol de encantar
Vou logo à segunda-feira
Mais tempo a ver-o-mar

Livro feito por Fernanda
Mistério, Ilha Terceira
Uma aventura comanda
Estas tardes da Ericeira

Alto da Forca, moinho
Não faz farinha, é ruína
Num escritório vizinho
As traduções de Regina

Na Brincosa, Anabela
Com aulas e o mestrado
Não pode estar à janela
Tem o seu tempo ocupado

Loja da Berta, enxoval
Lençóis, camisas, toalhas
É o mapa de Portugal
Num desenho sem falhas

Eduardina, uma saudade
Sentimento tão profundo
A Horta, pequena cidade
É a mais bela do Mundo

Lágrimas de gente feliz
João de Melo, Carvoeira
Meu poema é meu país
Um Tê Zero na Ericeira

Na Biblioteca os jornais
Escrita em dia no ecran

Não posso desejar mais
Para gozar uma manhã

No meio do nevoeiro
O iate dum rei menino
A partir lento, ronzeiro
Gibraltar é seu destino

Alfândega da Estremadura
Impostos e Guarda-fiscal
Comércio também procura
A harmonia universal

Café que nós bebemos
E este açúcar refinado
Afiml todos sabemos
Não estão ao nosso lado

Uma alegria tamanha
Poema e poeta feliz
Seria ter o Zé Fanha
A ler os versos que fiz

PS -
E quase esquecia Isabel
Inês Pedrosa também
Do coração ao papel
O poema é um vaivém

Há uma pressa a cantar
A beleza sem mais nada
Mas é quem povoa o lugar
Que dá o sentido à balada

Chegou ao fim a balada
Provisório como se espera
Guardanapo de esplanada
Onde guardo a Primavera

Colaboração da ADDPCTV

XIII - DOCTRINAS MILITARES EM CONFRONTO

*Pedro Fiéis **

OS FRANCESES

Durante a Guerra Peninsular, acima dos dois exércitos em confronto - o francês e o inglês - estão duas muito distintas doutrinas de guerra.

Em França, a derrota na Guerra dos Sete Anos vai provocar um forte abalo em todas as estruturas militares e levar ao aparecimento de grandes

estrategas que vão revolucionar a forma de combater no século XIX.

Guibert defendia a ideia que nação hegemónica seria aquela que possuísse um exército de conscrição nacional, organizado em divisões autónomas, o que lhe garantiria a mobilidade. Boucert pega nesta ideia e vai mais longe defendendo que a dispersão seguida de uma rápida concentração surpreenderia o inimigo. Por

sua vez, Gribeval com os irmãos Du Teil, são fundamentais para o progresso registado na artilharia.

Napoleão Bonaparte pega em todas estas teorias, aprofunda-as e testa-as com sucesso nos mais diversos campos de batalha europeus. Mais do que divisões, ele criou os Corpos, que agrupavam várias divisões e que congregavam infantaria, cavalaria e artilharia. Com várias frentes de batalha ao longo de sucessivos anos, Napoleão sabia que o treino que os recrutas recebiam era básico, mas desta limitação fez a sua força, dizendo mesmo aos seus generais que os mosquetes não eram a melhor arma do soldado, mas sim as suas botas.

Por outras palavras, a rapidez com que movimentava o exército surpreendia o inimigo. O facto de ter, por exemplo, 3 Corpos dispersos numa frente de 200 km, para dias depois os ter concentrados numa frente de apenas 50 km, confundia o seu opositor, garantindo-lhe superioridade no campo de batalha, num local que na maior parte das vezes era escolhido por ele.

As forças francesas organizavam-se do seguinte modo: a infantaria dividia-se em ligeira e pesada. A primeira era a mais móvel, capaz de actuar de forma dispersa, reagrupando-se rapidamente quando tal fosse necessário e englobava os Voltigeurs, atiradores de elite. A segunda era a infantaria de manobra, a espinha dorsal do exército. Num ataque napoleónico típico, uma cortina de Voltigeurs fustigava as linhas inimigas e protegia o avanço das colunas de infantaria, que ofereciam assim uma frente reduzida ao fogo contrário.

Para a cavalaria, que tradicionalmente era utilizada para reconhecimento e para dar a estocada final no inimigo, estava reservado agora um novo papel, o de romper com as linhas inimigas. Dividia-se para isso em pesada, com os Cuirassiers, por exemplo, que protegidos por couraças conseguiam ser devastadores em batalha. E a ligeira, Chasseurs à Cheval e Dragons, entre outros, os últimos também treinados para desmontar e lutar como infantaria.

Finalmente a artilharia, com o denominado sistema Gribeval. Para além das pesadas armas de cerco, contava ainda com canhões de tiro directo e morteiros, para o tiro em arco capaz de ultrapassar obstáculos. Existiam ainda peças que dado o seu menor calibre seguiam a infantaria no seu avanço, em muito contribuindo para aumentar o poder de fogo.

A mobilidade não poderia no entanto ser atingida se o exército estivesse dependente das longas e lentas linhas de abastecimento. Por isso, cada Corpo dependia de si próprio para o respectivo abastecimento, papel que em marcha era normalmente atribuído à cavalaria. Para além disso os soldados recebiam treino específico no que concerne ao cultivo de cereais e ao fabrico do pão.

Estas características aqui resumidas explicam a superioridade militar francesa nos campos de batalha da Europa no início do século XIX.

OS INGLESES

Do lado inglês temos uma perspectiva totalmente diferente, forjada principalmente à custa das duras lições apreendidas na Guerra de Independência dos E.U.A. e que perspectivam algo que entendemos como um exército moderno

Por outras palavras, não existe um recrutamento obrigatório, mas sim o profissionalismo. Nas palavras de sir Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington, o pior da sociedade inglesa alistava-se, mas sob o enquadramento de um regimento operava-se uma enorme transformação. A vida militar era dura, mas oferecia alguns privilégios como o salário regular, mais os prémios por vitórias alcançadas, para além de os soldados poderem ter consigo as suas mulheres e de as primeiras escolas públicas terem surgido nos regimentos.

Um treino longo e rigoroso fazia destes homens uma máquina disciplinada, capaz de manobrar mesmo nas mais difíceis circunstâncias, algo que os franceses não faziam. Depois era igualmente dado um grande ênfase ao poder de fogo. A India Pattern, o mosquete mais utilizado na Península, tinha um calibre de 19.3mm, por oposição ao mosquete Charleville francês, com um calibre de 17.5mm.

A organização das tropas era em tudo semelhante à francesa, a diferença residia apenas no seu uso em batalha. Foi com as milícias dos E.U.A., que os ingleses aprenderam aquela que viria a ser a sua táctica mais bem sucedida durante toda a Guerra Peninsular, a da contra encosta. Ou seja, no topo das colinas colocavam apenas as unidades de infantaria ligeira, mantendo os restantes regimentos formados em linha protegidos na referida contra encosta.

No momento certo, estes homens colocavam-se no topo e disparavam 3 salvas em 1 minuto, mais do que suficientes para travar qualquer avanço. Compensavam deste modo a fraca precisão de tiro dos mosquetes, algo de que o Board of Ordnance (organismo que tutelava o fabrico das armas) tinha plena consciência quando encomendou a “Baker”, uma arma que veio introduzir o conceito de espingarda. Ao seu menor tamanho aliava um cano estriado que lhe conferia a tão necessária precisão. A sua fama deve-se igualmente a novas unidades designadas por Riflemans, derivação de Rifle, que a utilizavam em exclusivo e que em batalha actuavam como os Voltigeurs franceses, mas com a vantagem de serem muito mais precisos nos seus tiros, conseguindo muitas vezes eliminar os oficiais inimigos.

A surpresa final reservada para os franceses, consistia numa nova munição utilizada pela artilharia, a

granada Shrapnel, nome do seu inventor, que a criou para que a artilharia se pudesse defender da cavalaria, mas que em muito ultrapassou este propósito. Consistia numa esfera oca, cheia de pólvora e balas, na qual se introduzia um rastilho. A perícia do artilheiro em calcular distâncias era fundamental, pois tudo bem feito a bala explodiria ainda em voo com um efeito de cone. As colunas francesas, na batalha do Vimeiro, foram as primeiras a experimentar o seu terrível efeito.

Quanto aos abastecimentos, Wellesley dava-lhes a maior importância pois sabia, tal como Napoleão, que

os homens necessitavam de uma boa alimentação para continuarem a lutar. A diferença residia no facto de o primeiro continuar a depender das linhas de comunicação para os obter, mantendo por isso oficiais do comissariado junto do seu Estado-maior e junto dos regimentos, para que nada faltasse.

Na Primeira Invasão, por exemplo, a esquadra fornecia os viveres, estabelecendo-se pontos onde eram criados depósitos que supriam as necessidades por 3 dias. A aquisição de outros bens junto da população, deveria ser paga no acto, sob penas severas em caso de incumprimento.

* Professor e Investigador de Hist

Uma fotografia Ericeirense

No outro dia, gente amiga, recordava, com saudade, os finais de tarde no Galeão... o “dolce far niente”, a amena cavaqueira, os mexericos, também...

Não sou desses tempos, mas “conheço” o Galeão!



71 ERICEIRA - Esplanada do Galeão

ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica

Rua Eduardo Burnay, nº 24 Cave Esq.
2655-370 ERICEIRA

www.icea.pt

Tel: (+351) 261 863 667
Fax: (+351) 261 866 736